

O MUNDO ABERTO. DO CRISTIANISMO À FÍSICA QUÂNTICA. ASPECTOS DA FILOSOFIA DE SLAVOJ ŽIŽEK*

THE OPEN WORLD. FROM CHRISTIANITY TO QUANTUM PHYSICS. ASPECTS OF THE PHILOSOPHY OF SLAVOJ ŽIŽEK

FABIANO VELIQ**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, BRASIL

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a obra O absoluto frágil do filósofo esloveno Slavoj Žižek e mostrar que a partir da crítica à religião cristã evidenciada nesta obra é possível entender alguns aspectos interessantes da proposta de Žižek para a contemporaneidade. A crítica que ele faz à religião cristã se mostra interessante, pois tal crítica não visa eliminar a proposta cristã, mas evidenciar que o cristianismo rompe com uma lógica de mundo visto como “todo” e insere nele uma nova lógica que seria aberta, “não-toda” e neste sentido o cristianismo como religião atea abre a possibilidade para pensar o mundo a partir de uma nova ontologia que seria matemática e quântica. Esta proposta de Žižek se mostra profícua para pensar uma nova forma de pensar o debate acerca da religião do ponto de vista interdisciplinar, por trazer para o diálogo campos bastante diferentes como a física quântica, a filosofia e a teologia.

Palavras-chave: Cristianismo. Ontologia. Deus. Absoluto.

Abstract: The present article aims to analyze the work The fragile absolute of the Slovenian philosopher Slavoj Žižek and show that from the critique of the Christian religion evidenced in this work it is possible to understand some interesting aspects of Žižek's proposal for contemporaneity. The criticism he makes of the Christian religion is interesting, since such a criticism does not seek to eliminate the Christian proposal, but to show that Christianity breaks with a logic of the world seen as "all" and inserts in it a new logic that would be open, "not-All" and in this sense Christianity as an atheistic religion opens the possibility to think the world from a new ontology that would be mathematical and quantic. This proposal of Žižek proves fruitful to think a new way of thinking the debate about religion from the interdisciplinary point of view, by bringing to the dialogue quite different fields as quantum physics, philosophy and theology.

Keywords: Christianity. Ontology. God. Absolute.

* Artigo recebido em 13/08/2018 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 30/11/2018.

** Doutor em Psicanálise pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil. Doutorando em Filosofia na Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3529545789104989>. E-mail: veliqs@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO¹

Slavoj Žižek é um filósofo esloveno que tem se dedicado a diversos temas desde filosofia política, passando por questões religiosas, questões ontológicas, cultura, cinema, etc. Sua obra abarca uma série de questões e sem dúvida é um filósofo imprescindível para pensar a nossa contemporaneidade. Sua tentativa de elaboração passa pela junção de diversas teorias filosóficas e Žižek mantém um diálogo extremamente profícuo com muitas tradições filosóficas. Duas grandes referências para ele é a obra de Hegel e a obra de Lacan. A partir destes dois teóricos Žižek procurará entender diversas questões do nosso tempo trazendo contribuições interessantes para o debate entre filosofia e psicanálise.

O tema que nos interessa neste artigo é propor uma leitura da sua obra *O absoluto frágil* (2015). Neste texto é a primeira tentativa de Žižek de abordar a questão da religião de forma mais detida. Embora o texto em português tenha sido publicado apenas em 2015, o original data do ano 2000. Neste livro Žižek tem em mente pensar a distância que separa o islamismo do cristianismo, e em grande medida a sua vinculação ao judaísmo; ou seja, evidenciar que o Oriente e o Ocidente possuem formas diferentes de lidar com a questão de Deus e dessa forma mostrar como que cada uma destas religiões monoteístas lidam com a relação entre Deus e homem. A partir desta noção Žižek será capaz de mostrar em que medida o cristianismo se coloca como uma “religião ateia” ao trabalhar o tema da encarnação de Deus². Esta noção do cristianismo como religião ateia será desenvolvida de forma mais detida em outros textos posteriores tais como “A monstruosidade de Cristo” (2014) e “O sofrimento de Deus. Inversões do Apocalipse” (2015b).

1 Este artigo é fruto de uma pesquisa em andamento no pós-doutorado em Filosofia na FAJE.

2 O tema da encarnação de Deus que Žižek abordará será a noção como trabalhada por Hegel em diversos textos desde a juventude. Žižek fará uma apropriação da noção de encarnação em Hegel e proporá uma leitura que culminará na visão materialista do cristianismo. Por uma questão de espaço esse tema não será abordado neste artigo. Sobre o tema da encarnação em Hegel os escritos teológicos da juventude como “A vida de Jesus” (1795) e “o espírito do cristianismo e seu destino” (1797) nos dão uma boa dimensão da forma como Hegel começa a pensar tal conceito que desembocará de maneira mais explicitada na “Fenomenologia do Espírito” (1807). Para uma versão em inglês dos escritos de juventude a obra editada por Knox é a grande referência. Cf. HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Early theological writings. Tradução de T.M. Knox e Richard Kroner. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1977.

1.1. A NOÇÃO DE O ABSOLUTO FRÁGIL

Em *O absoluto frágil*, Žižek afirma, seguindo Malebranche que , “Deus, em última instância, ama apenas a si próprio e simplesmente usa o homem para promulgar a sua glória”, (ZIZEK, 2015a p. 10) isto é, para Zizek o que está em jogo na questão do Deus cristão é um puro narcisismo divino em que um Deus sádico goza com o sofrimento dos humanos no intuito de se satisfazer salvando alguns. Dessa forma o sacrifício do Cristo não passaria de uma forma sádica de Deus se satisfazer. Zizek chega a propor uma fórmula do ateísmo que segundo ele, seria possível destruir a própria ficção de Deus a partir do seu interior, ou seja, mesmo se Deus existisse, ainda assim a crença nele seria despropositada para o verdadeiro ateu.

Segundo Zizek, o fio condutor de *Absoluto frágil* é a incompatibilidade radical entre o cristianismo e a chamada espiritualidade oriental. Neste sentido ele procura investigar o islã como um representante do Oriente para o Ocidente e vice-versa. Zizek avalia que o islã é bastante diferente do cristianismo, pois no islã não há uma vinculação entre Deus como pai e os homens como filhos. Alá não é pai de ninguém, ele se coloca como um Real³ inominável, ou seja, há aí um grande problema para Freud e sua questão religiosa toda baseada na questão paterna. Enquanto o judaísmo opta por Abraão como pai simbólico, ou seja, abarcando a solução fálica da autoridade simbólica parental, o islã opta pela linhagem de Agar, a escrava, e com isso vincula Abraão como pai biológico, propondo uma separação entre pai e Deus, preservando Deus no domínio do impossível. (ZIZEK, 2015a p. 14,15) O cristianismo, ao contrário vincula novamente Deus ao Pai e com isso traz em si um novo tipo de vinculação com a divindade, que só é possível a partir desse rompimento para com a visão judaica.

Neste sentido, Zizek afirmará que um dos aspectos mais deploráveis da pós-modernidade é o retorno da religião tanto nos fundamentalismos como nos pensamentos da nova era. Para ele existe sim uma linhagem direta entre o cristianismo e o marxismo e que ambos deveriam lutar do mesmo lado da barricada contra o furioso ataque dos novos espiritualismos. Segundo Zizek “O legado cristão autêntico é precioso demais para ser deixado aos fanáticos fundamentalistas” (ZIZEK, 2015a p. 27).

³ A noção de “Real” aqui tem em vista a proposta lacaniana na qual diferencia as instâncias do Real, Simbólico e Imaginário. O Real seria aquilo que escapa ao âmbito da linguagem, que estaria fora dela e por isso nunca poderia ser dito pelo sujeito, mas apenas evidenciado a partir do trauma, etc. Cf. LACAN, Jacques; MILLER, Jacques-Alain. **O seminário. 22.** 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

Neste ponto Žižek levanta uma questão importantíssima que será objeto de seu estudo em diversas outras obras como *O sofrimento de Deus* (2015b) , *A monstruosidade de Cristo* (2014) que é a questão referente às novas configurações religiosas tais como a Nova Era e os fundamentalismos. Segundo Žižek o legado cristão passaria muito mais por uma crítica a ambas posições do que pela sua assimilação. Žižek lê o cristianismo como a religião que oferece o Cristo como indivíduo mortal-temporal e insiste na crença no acontecimento temporal da encarnação como única via para a verdade e a salvação eterna. Como ele afirma, na encarnação,

O que realmente as amedronta é o fato de que com isso, perdemos o Deus transcendental que garante o significado do Universo, o Deus como Mestre oculto que manipula os fios - em vez disso, temos um Deus que abandona essa posição transcendente e se atira em sua própria criação, envolvendo-se nela totalmente até morrer, de modo que nós, seres humanos , perdemos o Poder superior que nos observa e somos deixados apenas com o terrível fardo da liberdade e da responsabilidade pelo destino da criação divina, e, desse modo, do próprio Deus. (ZIZEK, 2014 p. 36)

1.2. A ENCARNAÇÃO E A LIBERDADE

O fardo da liberdade é colocado sobre o sujeito a partir da encarnação e isso tem implicações fundamentais para a humanidade. Por isso que segundo Zizek o cristianismo seria a religião do amor. No amor nós escolhemos um objeto temporal finito que significa mais do que qualquer outra coisa e nos concentramos nele. A conversão também seria um acontecimento⁴ temporal que muda a eternidade. O cristianismo seria a religião do

⁴ Aqui é importante ressaltar que Zizek está partindo da noção de “Acontecimento” proposta por Alain Badiou em seu livro *Ser e evento* (1996) no qual Badiou evidenciará que o acontecimento é algo não previsto na ordem das coisas e insere em sua dinâmica um ponto de inflexão da ordem vigente, neste sentido o acontecimento muda o caminhar dos fatos e permite um novo momento no mundo. O acontecimento é o Real impossível de uma estrutura, de sua ordem simbólica sincrônica, o gesto gerador violento que ocasiona a Ordem legal que retroativamente torna ilegal esse mesmo gesto, relegando-o ao status espectral reprimido de algo que jamais pode ser totalmente reconhecido-simbolizado-confessado. Em suma, a ordem estrutural sincrônica é um tipo de formador de defesa contra seu acontecimento fundador que só pode ser discernido na forma de uma narrativa mítica espectral. Ou seja, a estrutura só pode funcionar mediante a ocultação da violência do seu acontecimento fundador. Segundo Zizek, “O evento badiouiano é uma ruptura na ordem do ser (realidade fenomenal constituída transcendentalmente), a intrusão de uma ordem (“numenal”) radicalmente heterogênea, de modo que estamos claramente em um espaço (pós)-kantiano. É por isso que podemos definir a filosofia sistemática de Badiou como um kantismo reinventado para a época da contingência radical: em vez de uma realidade constituída transcendentalmente, temos uma multiplicidade de mundos, cada um delineado por sua matriz transcendental, uma multiplicidade que não pode ser mediada/unificada em um único enquadramento transcendental mais amplo; em vez de uma lei moral, temos a fidelidade ao Verdade-Evento que é sempre específico com respeito a uma situação particular de um Mundo.” (ZIZEK, 2013 p. 34)

acontecimento. Enquanto o judaísmo se mantém preso ao ato fundador por não o confessar nem o simbolizar, reprimindo o acontecimento gerando vida ao judaísmo, o cristianismo se torna a religião da confissão, pois confessa o crime primordial o revelando na crucificação de Deus como forma de tentar fazer as pazes com ele.

A partir da teologia paulina Žižek tentará mostrar que a proposta do amor cristão tem em mente um “superegotizar o amor” o colocando como um dever autorepressor de amar ao próximo e se importar com ele como um trabalho duro que deve ser realizado contra as nossas inclinações. Neste sentido, o amor ao próximo é uma tarefa a ser executada pelo cristão como forma de imitar o exemplo de Cristo.

Um ponto que Žižek enfatiza na sua leitura sobre a religião é o fato do cristianismo se colocar como a única religião que teria sido capaz de desantropomorfizar Deus ao fazê-lo coincidir com o homem na encarnação. Segundo Žižek teria sido Schelling que mostrou que a humanização cristã de Deus não envolve de modo nenhum a redução antropomórfica de Deus a uma criação fantasmática humana. Segundo Zizek, “o ponto de partida de Schelling é sempre deus. Para Schelling só através do homem, na história humana, é que Deus se realiza plenamente a si mesmo, que ele se torna Deus efetivo.” (ZIZEK, 2015a, p 108)

Neste sentido que Zizek entenderá a caridade cristã como frágil, algo que se deve readquirir a cada vez. Segundo Zizek, “A morte de Cristo não é o mesmo que a morte do deus pagão, ao contrário, ela designa uma ruptura com o movimento circular da morte e do renascimento, a passagem para uma dimensão totalmente diferente, a do Espírito Santo.” (ZIZEK, 2015a p. 118)

Segundo Zizek, o cristianismo introduz na ordem cósmica global um princípio alheio a ela, o princípio segundo o qual cada indivíduo tem acesso imediato à universalidade (do nirvana, do Espírito Santo, dos direitos e das liberdades humanas). Cristo propõe aos seguidores que abandonem os laços simbólicos que os unem, que desconecte da comunidade orgânica para segui-lo, e isso é algo extremamente estranho no contexto grego, romano, etc. Daí Cristo ser extremamente traumático em sua proposta. Segundo Zizek, “O cristianismo é o acontecimento milagroso que perturba o equilíbrio do Um-Todo (pagão). Ele é a intrusão violenta da Diferença que descarrila o circuito equilibrado do universo.” (ŽIŽEK, 2015a p 120).

É justamente para enfatizar a suspensão da hierarquia social que Cristo se dirigia em particular àqueles que pertenciam às camadas mais baixas da hierarquia social. Na proposta de “dê a outra face”, o que está em jogo não é um masoquismo estúpido, mas sim interromper a lógica circular do restabelecimento do equilíbrio, ou seja, a ideia de que para cada ato é preciso reestabelecer a ordem perdida em um universo de sentido maior típica do pensamento pagão.

Segundo Žižek haveria um desacoplamento proposto por Cristo e que Paulo coloca como que reduzindo o próximo a um membro singular da comunidade de fiéis (do Espírito Santo), isto é, não é o sujeito simbólico que é reduzido ao individual “real”, mas é o individual que é reduzido ao ponto singular da subjetividade. O desacoplamento envolve uma morte simbólica, isto é, é preciso morrer para a lei que regula nossa tradição social.

Neste momento Žižek é capaz de afirmar o que ele entende por absoluto. Segundo Žižek

A noção oriental do Vazio-Substância-Fundamento Absoluto por trás das aparências frágeis e enganadoras que constituem nossa realidade deve ser contraposta à ideia de que é a realidade ordinária que é dura, inerte e estúpida, e o Absoluto é completamente frágil e efêmero. Ou seja, o que é o Absoluto? Algo que aparece nas experiências efêmeras - digamos, no sorriso gentil de uma bela mulher ou no sorriso caloroso e afetuosos de uma pessoa que, em condições normais, pareceria feia e rude. Nesses momentos milagrosos, porém extremamente frágeis, outra dimensão se manifesta através da nossa realidade. Como tal, o Absoluto é facilmente corroído. Ele escapa muito facilmente pelos nossos dedos e deve ser manuseado com o máximo de cuidado, como se fosse uma borboleta. (ŽIŽEK, 2015a p. 126)

O amor é o trabalho do amor, o trabalho árduo e difícil do repetido desacoplamento, em que, o tempo inteiro temos de nos desprender da inércia que nos obriga a nos identificarmos com a ordem particular em que nascemos. O verdadeiro amor aceita o ser amado como ele é, o coloca como lugar da Coisa, do Objeto incondicional. O desligamento cristão não é uma postura contemplativa interior, mas sim o trabalho ativo do amor que necessariamente leva à criação de uma comunidade alternativa. O desacoplamento cristão propriamente dito suspende não tanto as leis explícitas, mas seu obsceno suplemento espectral implícito.

Segundo Žižek, a dialética viciosa elaborada por Paulo entre a lei e sua transgressão⁵ (Rm 7) é o terceiro termo invisível, o “mediador evanescente” entre a religião judaica e o cristianismo, seu espectro assombra ambas. Por um lado, os judeus ainda não estão lá, ou seja, tratam a lei como Real escrito que não os envolve no círculo vicioso superegóico da culpa, por outro lado a questão básica do cristianismo é romper o círculo vicioso superegóico da lei e sua transgressão por meio do amor.

Somente um ser imperfeito pode amar, apenas um ser faltoso e vulnerável é capaz de amar. Žižek afirma que talvez o verdadeiro feito do cristianismo seja elevar um Ser amado (imperfeito) à posição de Deus, ou seja, da perfeição suprema. A oposição entre lei e transgressão é fálica, ao passo que o amor é feminino e envolve os paradoxos do não-*Todo*⁶.

Quando Cristo diz que está aqui para simplesmente cumprir a lei ele atesta esse ato que efetivamente anula a lei. Neste sentido, Žižek, na sua leitura do cristianismo levanta duas possibilidades para Deus: Ou ele é perverso, ou não é onipotente.⁷ Segundo Žižek a leitura tradicional do cristianismo oblitera o mistério supremo da crucificação: a crucificação, a morte do filho de Deus é um acontecimento feliz, no qual a própria estrutura do sacrifício, por assim dizer, suprassume a si mesma dando origem a um novo sujeito que não está mais enraizado em uma substância particular, um sujeito livre de todos os vínculos particulares (O Espírito Santo como comunidade dos fiéis que segundo Žižek possuiria duas formas principais ideais que seriam os coletivos políticos revolucionários e os psicanalíticos autênticos)⁸. Neste sentido fica bem claro em que medida Žižek pode afirmar que o Absoluto é frágil e em que medida ele compreende o cristianismo como uma religião atea. Ao abrir mão do grande outro, ao reconhecer que não há nada além da vida terrena o cristianismo abre a possibilidade para a construção do novo sem a dependência de Deus. Desta forma o homem seria livre para lidar com o mundo. O cristianismo ao propor a morte do Deus metafísico seria a religião que rompe com qualquer noção de transcendência e abre

⁵ Žižek aqui está partindo da análise lacaniana da vinculação entre lei e pecado que Lacan desenvolve no seminário VII *A ética da psicanálise*. De maneira sucinta a ideia que Lacan propõe é a de que a lei é que cria a noção de pecado. Assim como Paulo afirma no texto de Romanos, só conhecemos o pecado por meio da lei, ou seja, a vinculação entre lei e pecado está na própria estrutura da composição da lei. O pecado depende da lei e a lei se confirma através de uma sanção ao pecado.

⁶ A noção de Não-*Todo* deriva da conhecida tábua da sexualização de Lacan apresentado no Seminário 20 de 1972/1973. Por uma questão de espaço não será possível analisar pormenorizadamente esta questão.

⁷ Aqui lembramos do famoso paradoxo de Epicuro sobre a noção de Deus.

⁸ Já fica bem clara a proposta de Žižek de “des-transcendentalizar” a noção de Espírito Santo no intuito de transformar algo que na teologia cristã é visto de forma metafísica em algo que se daria como “união em amor” dos que creem. Neste sentido o Espírito Santo não é mais a terceira pessoa da trindade, mas apenas o vínculo de amor que une as pessoas em torno de um objetivo maior, quer ele seja político, analítico, etc.

a possibilidade para pensar o mundo dentro de uma vertente materialista. Neste sentido que podemos entender como que para Žižek o cristianismo e o marxismo estariam “do mesmo lado” da luta contra os fundamentalismos e o pensamento da Nova Era. Para o filósofo esloveno em ambas as propostas estaria em jogo uma visão materialista de mundo, uma abertura plena para a liberdade do sujeito e o mundo como um lugar aberto para a realização do indivíduo. Neste sentido o cristianismo, para Žižek, abre a possibilidade de pensar o mundo de outra forma, um mundo aberto que só pode ser descrito a partir de uma nova ontologia.

1.3. A FÍSICA QUÂNTICA COMO NOVA ONTOLOGIA

Desta forma também podemos entender onde que o universo da física quântica se mostra tão interessante para Žižek e será objeto de estudo do filósofo em alguns textos. Para ele a física quântica abre espaço para uma ontologia “assombrosamente esquisita” (ŽIŽEK, 2014 p. 125) O que o filósofo esloveno tem em mente é afirmar uma espécie de incompletude ontológica da própria realidade que teria na física quântica o seu modelo de como pensar uma ontologia aberta e a filosofia de Alain Badiou e sua noção de multiplicidade pura como categoria ontológica definitiva: a realidade seria a multiplicidade das multiplicidades que não pode ser gerada ou constituída a partir de uma forma de Uns como seus constituintes elementares. As multiplicidades não são multiplicações de Um, mas multiplicidades irreduzíveis, sendo por isso que o seu oposto não seria o Um, mas Zero, ou seja, o vazio ontológico.⁹

A partir da noção do mundo ancorado sobre o vazio proposto por Badiou, Žižek é capaz de defender a ideia que ele assume de materialismo que nada teria a ver com a presença da matéria úmida e densa, mas teria a ver exatamente com a noção de que a Totalidade é Nada. Segundo Žižek ,

⁹ Por uma questão de espaço não analisaremos em detalhe a ontologia matemática de Badiou. Em seu livro *Ser e Evento* (1996) Badiou desenvolverá estas noções de maneira mais pormenorizada partindo das teorias sobre o infinito de Cantor e procurando reler a história da filosofia a partir da noção de multiplicidade. A ontologia seria igualada à Matemática como única forma possível de pensar a estrutura do mundo. Nisto consistiria a ruptura ontológica proposta por Badiou, o Um surge apenas depois do Zero e das multiplicidades. O Zero seria a multiplicidade sem os Uns que garantiria a consistência ontológica delas. Disso deriva no pensamento de Badiou que a realidade é uma multiplicidade na qual o vazio e o múltiplo coincidem.

O materialismo não é a asserção da densidade material inerte em seu peso úmido - tal “materialismo” pode sempre servir de apoio para o obscurantismo espiritualismo gnóstico. Em contrapartida, o verdadeiro materialismo assume com alegria o “desaparecimento da matéria”, o fato de existir apenas o vazio. (ŽIŽEK 2014 p. 129)

O que Žižek tem em mente aqui é que “nossa aposta é que somente o materialismo do vazio e a multiplicidade, indo muito além da afirmação do senso comum da realidade material externa com a única coisa que “realmente é”, é o materialismo, que, como Hegel teria dito, atinge o nível de sua própria noção.” (ŽIŽEK, 2014 p. 131) Dessa forma Žižek deixa claro que está pensando o materialismo sob um viés novo aliado a novas proposições físicas e matemáticas, que garantiria em última instância a incompletude ontológica da realidade. Ou seja, segundo ele “um materialismo verdadeiramente radical é, por definição, não reducionista: longe de afirmar que “tudo é matéria”, ele confere aos fenômenos “imateriais” um não ser positivo específico. (ŽIŽEK, 2014 p. 139)

CONCLUSÃO

Podemos perceber que a crítica que Žižek propõe à religião cristã tem como base a noção de encarnação que o cristianismo proporia em seu núcleo. A partir do momento que a noção de encarnação é entendida de forma literal a morte de Deus evidenciaria que o universo é o lugar do absoluto que se mostraria apenas como frágil. Para Žižek a única forma de entender esse absoluto na contemporaneidade seria por meio de uma nova ontologia que ele buscará a partir da obra de Alain Badiou. A ontologia matemática de Badiou e a física quântica parecem apontar para Žižek uma excelente chave de leitura para o mundo contemporâneo e remeterá na obra de Žižek a uma leitura nova sobre a política, a psicanálise, a cultura, etc. Para Žižek a lógica aberta pela física quântica é uma lógica não-Toda, ou seja, é uma lógica que parte do pressuposto do vazio fundamental da realidade que nunca pode ser organizada de forma completa.

Para o filósofo esloveno é exatamente essa abertura fundamental da realidade que estaria no cerne da proposta da encarnação que o cristianismo propõe. Dessa forma, que para ele tanto o materialismo advindo da leitura matemática do mundo a partir da nova

ontologia proposta por Badiou quanto o cristianismo entendido de maneira materialista se tornam leituras complementares da realidade.

Para Žižek o cristianismo teria muito a dizer para a contemporaneidade se fosse encarado como a religião precursora do ateísmo contemporâneo. Percebe-se que a proposta do filósofo esloveno não se trata de eliminar a religião, como uma espécie de um ateísmo panfletário que apenas nega infantilmente a existência de Deus, mas tem em vista reinterpretar os dogmas cristãos mais centrais como "encarnação", "ressurreição" a partir de uma visão de mundo materialista. Estas propostas de Žižek merecem ser estudadas com mais afinco e este artigo pretende abrir espaço neste tipo de investigação.

REFERÊNCIAS

- BADIOU, Alain; BORGES, Maria Luíza Xavier de Almeida. **O ser e o evento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: Ed.UFRJ, 1996.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Early theological writings**. Tradução de T.M. Knox e Richard Kroner. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1977.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **L'esprit du christianisme et son destin**. Paris: J. Vrin, 1948.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Trad. de Paulo Meneses, com a colaboração de Karl-Heinz Efkens e José Nogueira Machado, SJ. Petrópolis, RJ. Vozes, Bragança Paulista: 4 ed. Editora Universitária São Francisco, 2007.
- LACAN, Jacques. **O seminário**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1979-. 24v.
- LACAN, Jacques. **O seminário**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1979-. 24v.
- LACAN, Jacques; MILLER, Jacques-Alain. **O seminário**. 22. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- ZIZEK, Slavoj. **O Absoluto frágil. Ou por que vale a pena lutar pelo legado cristão?** Tradução de Rogério Bettoni. 1ª ed. São Paulo. SP. Editora Boitempo, 2015a.
- ZIZEK, Slavoj. MILBANK, Jonh. **A monstruosidade de Cristo: Paradoxo ou dialética**. DAVIS, Creston. (org). Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo. SP. Três Estrelas, 2014.
- ZIZEK, Slavoj. **Menos que nada. Hegel e a sombra do materialismo dialético**. Tradução: Rogério Bettoni. São Paulo. Editora Boitempo, 2013.
- ZIZEK, Slavoj. GUNJEVIC, Bóris. **O sofrimento de Deus. Inversões do Apocalipse**. Tradução de Rogério Bettoni. 1ª ed. Belo Horizonte. MG. Autêntica Editora, 2015b.

Universidade Católica de Petrópolis
Centro de Teologia e Humanidades
Rua Benjamin Constant, 213 – Centro – Petrópolis
Tel: (24) 2244-4000
synesis@ucp.br
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>



VELIQ, Fabiano. O mundo aberto. Do cristianismo à física quântica. Aspectos da filosofia de Slavoj Žižek. **Synesis**, v. 10, n. 2, 2018. ISSN 1984-6754. Disponível em: <http://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/1571>
